


O Pensamento Geopolítico de Karl Haushofer

The Geopolitical Thought of Karl Haushofer

El Pensamiento Geopolítico de Karl Haushofer

Higor Ferreira Brigola¹

 <https://orcid.org/0001-5282-2741>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo revisitar o pensamento geopolítico do alemão Karl Haushofer. O mesmo foi responsável pela formulação de uma geoestratégia baseada na visão de mundo alemã e tinha como objetivo a superação das dificuldades vivenciadas pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, além de recuperar o *status* de potência mundial e garantir a hegemonia sobre o *Heartland* por meio de uma aliança entre os poderes terrestres alemão e soviético, e o poder naval japonês. Antes de explanar sobre as ideias de Haushofer, o artigo traz uma breve dissertação sobre a questão da Alemanha entre o século XIX e a República de Weimar, no pós-Primeira Guerra Mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha; Geopolítica; Haushofer.

ABSTRACT: *This article aims to revisit the geopolitical thought of the German Karl Haushofer. He was responsible for formulating geostrategy based on the German worldview and aimed at overcoming the difficulties experienced by Germany after the First World War, in addition to recovering the status of world power and guaranteeing hegemony over the Heartland through an alliance between German and Soviet land powers, and Japanese naval power. Before explaining Haushofer's ideas, the article brings a brief dissertation on the German question between the 19th century and the Weimar Republic after the First World War.*

KEYWORDS: Germany; Geopolitics; Haushofer.

RESUMEN: *El presente artículo tiene como objetivo volver a visitar el pensamiento geopolítico del alemán Karl Haushofer que fue responsable por la formulación de una geoestrategia basada en la visión alemana y encaminada a superar las dificultades vividas por Alemania tras la Primera Guerra Mundial, además de recuperar el estatus de potencia mundial y garantizar la hegemonía sobre el Heartland a través de una alianza entre los alemanes y los poderes terrestres soviéticos, y el poder naval japonés. Antes de explicar las ideas de Haushofer, el artículo trae una breve disertación sobre la cuestión de Alemania entre el siglo XIX y la República de Weimar, en la posguerra de la Primera Guerra Mundial.*

PALABRAS-CLAVE: Alemania; Geopolítica; Haushofer.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: higorbrigola@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Geopolítica Clássica que também foi classificada por Gökmen (2010) como a “era ,de ouro” da geopolítica, alcançou seu apogeu entre o fim do século XIX até o encerramento da Segunda Guerra Mundial. Durante este período, as marcantes disputas globais envolvendo Inglaterra, Alemanha, Rússia e EUA contribuíram para o surgimento de autores geopolíticos como Halford J. Mackinder, Nicholas Spykman e Karl Haushofer, os quais foram responsáveis por elaborarem geoestratégias que garantissem a projeção de poder de seus respectivos países no cenário internacional.

Estes autores foram diretamente influenciados pelos pensamentos de Friedrich Ratzel e Rudolf Kjéllen – este último ficou conhecido por utilizar o termo geopolítica pela primeira vez – ao analisar as relações do Estado com o território e ao compreenderem o Estado como um ser vivo, o qual poderia nascer, crescer, estabelecer relações, definir e morrer.

O cenário internacional é entendido pelos autores da geopolítica clássica como uma arena de competição entre as grandes potências, as quais rivalizam entre si, pela sobrevivência e acúmulo de poder, como se estivessem em uma seleção natural, concepção que, anos mais tarde, seria adotada pela corrente realista das Relações Internacionais.

De acordo com a corrente realista, o sistema internacional é pautado pela competitividade entre os Estados e pelo acúmulo de poder, em que, por falta de um poder supranacional dominante, impera um comportamento anárquico entre eles. Um jogo de soma zero, em que, para um vencer, outro precisa sucumbir (MORGENTHAU, 2003).

Neste sentido, centraliza-se o objetivo deste trabalho na elaboração de uma releitura, por meio de pesquisa bibliográfica, das ideias do autor da geopolítica clássica, Karl Haushofer, que teve um papel importante na formulação da geoestratégia da Alemanha para conquistar seu poder no cenário internacional após a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Para Haushofer, “[...] a geopolítica aspira a proporcionar as armas para a ação política e os princípios que servem de guia na vida política [...] é a base da atuação política, na luta de vida ou morte dos organismos estatais pelo *espacio vital*” (WEIGERT, 1943, p. 24-25, tradução do autor)². Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Haushofer foi acusado de compactuar com o regime nazista de Adolf Hitler, e suas ideias foram ligadas a vieses

² “La geopolítica aspira a proporcionar las armas para la acción política, y los principios que sirven de guía en la vida política [...] es la base científica del arte de la actuación política en la lucha a vida o muerte de los organismos estatales por el espacio vital (WEIGERT, 1943, p. 24-25).

totalitários e expansionistas, o que praticamente resultou na recusa dos estudos em geopolítica nas universidades europeias e estadunidenses.

A QUESTÃO ALEMÃ NO FINAL DO SÉCULO XIX ATÉ A REPÚBLICA DE WEIMAR

Ao analisar a tese desenvolvida pelo general e geopolítico alemão Karl Haushofer é imprescindível, antes de tudo, recapitular brevemente a questão alemã do século XIX, um país em processo de unificação tardia (iniciada em 1871) e que chegara atrasado à disputa pela obtenção de colônias, afastado, portanto, do equilíbrio de poder europeu. Os implícitos sentimentos de inferioridade e de não realização de seu destino manifesto mexeram com o nacionalismo alemão, jogando a Alemanha em duas guerras mundiais.

Como afirma Moniz Bandeira (2010), após a unificação alemã sob o governo do *Reich*, foi uniformizada a legislação industrial, adotada uma moeda única e unificados o sistema de pesos e medidas, e, por fim, foram instituídas tarifas aduaneiras com o objetivo de proteção do mercado interno.

O domínio sobre a região de Alsácia e Lorena, área dotada de riqueza mineral, em especial minério de ferro, e a indenização paga pelos franceses após a Batalha de Sedan (1870) contribuíram para o desenvolvimento industrial alemão. A construção de sua rede ferroviária, em 1874, levou à expansão de seu mercado e colocou a Alemanha em outro patamar no capitalismo mundial: “Cerca de 25 anos depois, em 1900, a Alemanha tornar-se-ia a segunda potência industrial do mundo, suplantada apenas pelos EUA” (MONIZ BANDEIRA, 2010, p. 49).

O surgimento da Alemanha como potência industrial, fortemente armada e com seu desejo expansionista, foi um dos principais fatores que degradingolaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Seria um tanto reducionista alegar que esse conflito se iniciou apenas pelo ideal alemão de expansão de poder, contudo é uma questão que está entre os motivos que incutiram, nos demais países europeus, certo grau de insegurança.

Tal mudança de contexto não teria tanta importância se um país não tivesse adquirido força econômica e militar necessária para questionar o *status quo*. Afinal, Portugal ou a Bulgária, por exemplo, podiam se sentir injustiçados no mundo e desejar ardentemente mais colônias ou espaço na Europa, mas não tinham poder para mudar as coisas, portanto não teriam potencial para levar a Europa à guerra. O problema é que tal país insatisfeito e poderoso surgiu: a Alemanha (BERTONHA, 2011, p. 36).

Para Bertonha (2011), o crescimento alemão foi o ponto culminante para a determinação dos blocos de aliança da Primeira Grande Guerra, fato que fez países como

Inglaterra e França esquecerem suas rivalidades históricas para lutarem por um objetivo comum: a contenção da Alemanha e evitar mudança do *status quo* europeu.

Após a derrota da Tríplice Aliança representada pela Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia Otomana, os vencedores da guerra logo trataram de vedar o poderio alemão através de um acordo assinado na cidade de Versalhes em 1919, que ficara conhecido como Tratado de Versalhes. Com esse tratado, a Alemanha declarava sua rendição diante dos vencedores do conflito, atendendo às exigências dos países vencedores. O objetivo das potências europeias e dos EUA estava no sepultamento da Alemanha como potência, buscando diminuir seu poder e infamá-la diante do mundo ao lhe atribuir a responsabilidade única pela guerra. Para evidenciar isso:

O sistema econômico alemão existente antes da guerra dependia de três fatores principais: 1) o comércio ultramarino representado pela sua marinha mercante, suas colônias, seus investimentos estrangeiros, suas exportações, e as ligações dos seus comerciantes com o exterior; 2) a exploração do seu ferro e carvão, e as indústrias baseadas nesses produtos; 3) seu sistema de transporte e suas tarifas. Deles, o primeiro era certamente o mais vulnerável, embora não o menos importante. Ora, o Tratado busca a destruição sistemática de todos os três, mas principalmente dos dois primeiros (KEYNES, 2002, p. 43).

Com o sepultamento econômico, veio ainda o recorte do território alemão, que perdeu uma vasta porção conquistada, assim como o poder sobre suas colônias. Entre as demais exigências, estavam também os elevados valores a serem pagos como indenizações aos países vitoriosos, uma forte redução de seu poder militar e o fim de sua soberania em áreas estratégicas.

Como lembra Richard (1988), o governo alemão instaurado no pós-guerra, conhecido como República de Weimar, nasceu frágil e envolto em diversas contradições. Nesse período, o nacionalismo começou a tomar conta do imaginário do povo alemão, um país antes cotado como uma potência mundial, agora mutilado territorialmente, com uma economia e setores sociais em decadência e sem autonomia para exercer seus objetivos. Isso tudo ampliou o sentimento de revolta na sociedade alemã, fortalecendo, sobretudo, uma gama de políticos conservadores, entre eles aqueles que sustentavam o sonho de uma Alemanha imperialista:

O rápido colapso da Alemanha em outubro de 1918, quando seus exércitos ainda controlavam a Europa, desde a Bélgica até a Ucrânia, foi um grande choque para as forças nacionalistas de direita, que tendiam a culpar uma “traição” interna pela rendição humilhante. Quando as condições do acordo de Paris provocaram humilhação ainda maior, grande número de alemães denunciaram tanto o “tratado escravo” como os políticos democráticos de Weimar, que concordaram com tais condições. A questão das indenizações

e a hiperinflação correlata de 1923 encheram o cálice de descontentamento alemão (KENNEDY, 1989, p. 279).

Em meio a esse cenário de mistura de sentimento nacionalista com a insatisfação quanto à humilhação alemã, surge o nome de um personagem que se tornaria uma peça fundamental na tentativa de mudança desta situação, assim como entraria também para a história da geopolítica, o general e geopolítico alemão Karl Haushofer. Acusado de utilizar a geopolítica para fins expansionistas e, a partir dela, servir diretamente à campanha nazista de Adolf Hitler, após a Segunda Guerra Mundial a geopolítica entraria em um ostracismo acadêmico graças a ele.

KARL HAUSHOFER E A *GEOPOLITIK* ALEMÃ: A GEOPOLÍTICA COMO CIÊNCIA DA GUERRA E O INÍCIO DE SEU OSTRACISMO ACADÊMICO

Haushofer era natural da Baviera e iniciou sua carreira militar em 1889. É importante destacar sua missão diplomática no Japão, onde desenvolveria seu interesse pelos estudos geopolíticos a partir daquele país. Mais tarde, desses estudos surgiria um trabalho pioneiro sobre as ideias de uma coalizão nipo-germânica, integrando também a Rússia. Haushofer chegou a participar da Primeira Guerra Mundial, aposentando-se da carreira militar após o fim do conflito e, a partir dali, passou a se dedicar à vida de geógrafo, sendo aceito no Instituto de Geografia de Munique. Seu reconhecimento começou a decolar desde então, tendo ministrado aulas e conferências e publicado os mais variados artigos sobre geopolítica, construindo, assim, seu *status* como intelectual (COSTA, 2008).

Publicou grande parte de seus escritos na *Revista de Geopolítica*, criada em 1924 e da qual participavam como editores o general alemão e sua equipe, formada por Erich Obst, Hermann Lautensach, Fritz Termer, Otto Maull, Kurt Vowinckel, Albrecht, dentre outros. “A distribuição da Revista foi bastante ampla, sobretudo nos países onde Haushofer possuía contatos pessoais, como o Japão e os países anglo-saxões” (SILVA, 2003, p. 11).

As visões geopolíticas desenvolvidas por Haushofer estavam embasadas nos conceitos de Ratzel, em especial o de *Lebensraum* (Espaço Vital), e nas ideias de Kjéllen, cuja visão do Estado como um organismo biológico (ideia que se iniciou em Ratzel e depois foi adotada por Kjéllen). Haushofer desenvolveu o conceito de Autarquia, sendo este complementar ao *Lebensraum*, que significava um amplo espaço que garantia a autossuficiência de um país na aquisição de produtos e matérias-primas para alcançar sua modernização industrial rumo à prosperidade (O’LOUGHLIN; WUSTEN, 1990).

A busca pela recuperação do “espaço vital” da Alemanha estava nítida nas concepções teóricas de Haushofer. Para ele, o *Lebensraum* era definido “[...] como o direito e o dever de uma nação de fornecer o espaço e os recursos necessários para seu povo” (GÖKMEN, 2010, p. 36, tradução do autor)³ e, para alcançá-lo, o meio necessário seria a expansão territorial por qualquer via que fosse possível.

Também é possível identificar alguns conceitos mackinderianos com pequenas mudanças na geopolítica alemã, chamada também de *Geopolitik*. A teoria do *Heartland* de Halford Mackinder aparece em Haushofer travestida por uma visão de mundo germânica em contrapartida à visão de mundo inglesa. O *Heartland* corresponde “[...] a parte norte e ao interior da Eurásia. Estende-se desde a costa do Ártico até os desertos centrais e tem como limites ocidentais o amplo istmo entre o Mar Báltico e o Mar Negro” (MACKINDER, 1943, p. 598). De acordo com Mackinder, a potência que dominasse o *Heartland* teria a hegemonia global em suas mãos.

Mackinder é citado com grande frequência pelo geógrafo e militar alemão, sendo que Haushofer classifica a tese do geógrafo britânico como uma “obra-prima” geopolítica, embora cada um deles tivesse do país do outro a visão de antagonista a seus interesses. Por isso, lembra Weigert (1943), Haushofer, quando se referia a Mackinder, ressaltava que “era preciso aprender com o inimigo”.

Para recuperar a condição de potência europeia no centro do continente e, assim, garantir a hegemonia sobre o *Heartland*, Haushofer defendia uma ampla aliança entre os poderes terrestres da Alemanha e URSS, somada ao poder naval japonês. De acordo com Mello (1999, p. 78), “uma coalizão russo-germânica engendraria as condições necessárias para o desenvolvimento de um poder anfíbio continental-oceânico capaz de arrebatar das potências insulares a preponderância mundial”, para isso, “Haushofer contava com a virtual rivalidade ideológica e estratégica entre a URSS e a Inglaterra como fatores de aproximação com seu país” (COSTA, 2008, p. 138). Na concepção da estratégia haushoferiana, a Inglaterra ocupava o papel de principal inimigo do projeto hegemônico alemão.

Em síntese, a *Geopolitik* de Haushofer defendia a constituição de um bloco transcontinental eurasiático, formado por uma aliança russo-germânico-japonesa que teria à sua disposição um excedente de poder não compensado, em termos militares, econômicos e demográficos, capaz de colocar em xeque o poderio naval do império britânico (MELLO, 1999, p. 80).

E ainda:

³ “[...] as a nation’s right and duty to provide necessary space and resources for its people” (GÖKMEN, 2010, p. 36).

Haushofer via na Rússia bolchevista o aliado geopolítico natural, que serviria de ponte ou elo de ligação entre a Alemanha e os povos asiáticos da região indo-pacífica, cujo inimigo comum eram o colonialismo e o poder marítimo britânico. Portanto, eram os imperativos geopolíticos da posição ocupada pelos alemães no centro da Europa e pelos russos no *Heartland* da Eurásia – e não as divergências ideológicas entre nazismo e bolchevismo – que deveriam nortear a política da Alemanha em relação à Rússia (MELLO, 1999, p. 79).

Em 1941, após a França estar sob ocupação alemã, deixando a Inglaterra isolada, a Revista de Geopolítica editada por Haushofer lançou a seguinte afirmação: “[...] com o Japão por companheiro, com os recursos da Rússia a nossa disposição, o cerco em torno da Inglaterra se aperta cada vez mais” (WEIGERT, 1943, p. 171, tradução do autor)⁴.

Essa confluência russa-alemã-nipônica idealizada pelo geopolítico alemão resultou na elaboração de uma proposta que teria como princípio a divisão do espaço geopolítico mundial a partir de quatro zonas de influência, cada uma com sua própria suserania. Essas divisões foram denominadas de *Pan-Regiões* e teriam como princípio norteador a noção das *Pan-ideas*, as quais seriam organizações de mundo a partir de ideologias básicas, como o *Pan-islamismo*, *Pan-americanismo* etc. A própria *Doutrina Monroe* – que afirmou o ideal Pan-americano – foi classificada por Haushofer como um exemplo de *Pan-ideas*. Em suma, as *Pan-Regiões* dividiam o globo a partir de zonas de influência de uma grande potência norteadora (O’LOUGHLIN; WUSTEN, 1990).

As ligações culturais entre os centros e a região hegemônica também foram evidenciadas (GÖKMEN, 2010), assim como as questões econômicas em cada uma dessas áreas que se enquadram no conceito de Autarquia. Entre as *Pan-Regiões* selecionadas pelo geógrafo e militar alemão, estariam: a Euráfrica – controlada pela Alemanha; Pan-Ásia – sob o domínio japonês; Pan-Rússia – controlada evidentemente pela Rússia (URSS); e a Pan-América – capitaneada pelos Estados Unidos. Essa divisão pode ser observada na Figura 1, a seguir.

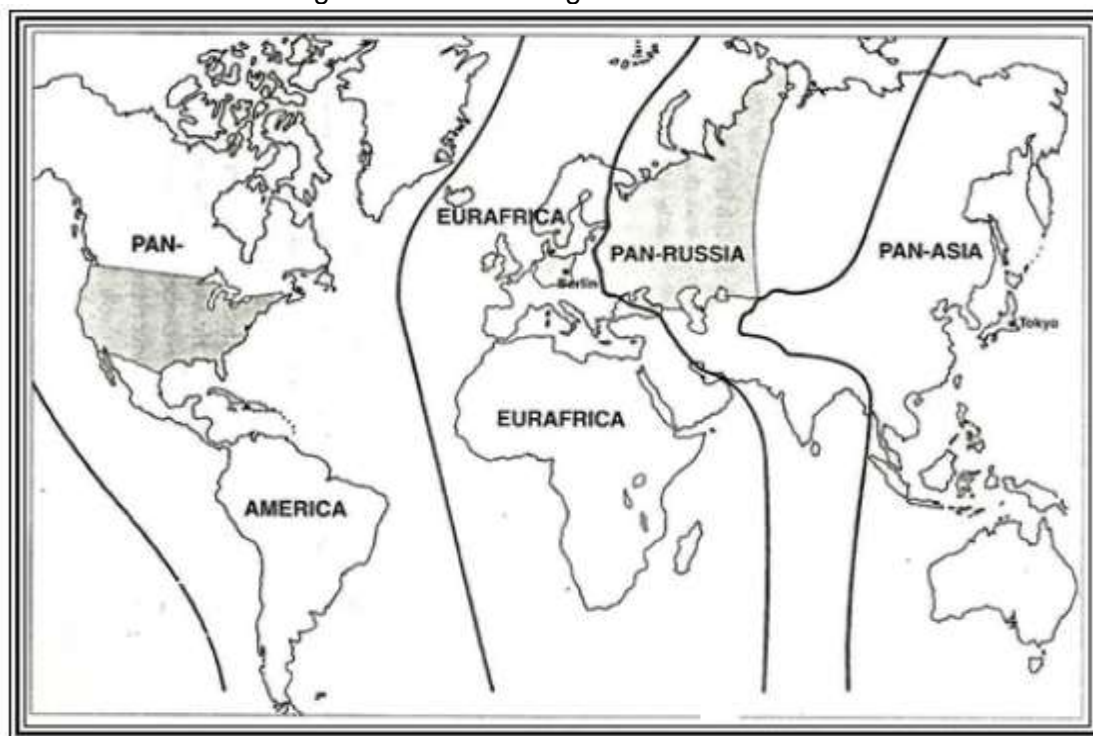
O desejo de Haushofer por uma Alemanha grande estava nítido na existência da Euráfrica, que, além da expansão do poder alemão sobre a Europa, englobava o continente africano, afinal a visão de que colônias eram essenciais para aquisição de matérias-primas ainda se fazia presente, principalmente para a recuperação das perdas coloniais da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (O’LOUGHLIN; WUSTEN, 1990).

Haushofer, em sua visão de mundo, advogava que os episódios ocorridos entre grandes nações na história tinham sido tradicionalmente caracterizados por linhas

⁴ Com el Japón de compañero, con los recursos de Rusia a nuestra disposición, el cerco em torno de Inglaterra se aprieta más y más (WEIGERT, 1946, p. 171).

latitudinais, mas, a partir do século XX, uma divisão vertical de mundo começou a se aprofundar (O'LOUGHLIN; WUSTEN, 1990).

Figura 1 - As Pan-Regiões de Haushofer



Fonte: Herwig (1999).

De acordo com Tosta (1984), os cortes longitudinais de cada Pan-Região garantiriam um acesso a diversas tipologias climáticas e solos, os quais diversificariam sua produção agrícola, assim como a extração de recursos minerais. Ao mesmo tempo, todas as regiões propostas pelo autor teriam positivamente um amplo contato com o oceano, facilitando seu comércio em relação aos bens não produzidos internamente. Basicamente, as ideias de Haushofer sobre a dominação de espaços longitudinais por cada potência significava nada mais que a legitimação do colonialismo nos países periféricos, um dos pontos em que sua teoria diverge do pensamento de Adolf Hitler, como será demonstrado adiante.

Embora muitos analistas cheguem à conclusão de que Hitler tenha se inspirado em grande parte nos escritos de Haushofer para a formulação do Terceiro *Reich*, ainda existem fatos que tendem a contestar essa afirmação. Embora ambos tivessem tido contato, não existem fontes que comprovem que o general alemão compartilhasse da ideologia nazista. Cabe mencionar que sua esposa era de origem judia e seu filho fora assassinado pela Gestapo acusado de conspiração numa tentativa de atentado a Hitler (COSTA, 2008). Em 1941, um artigo publicado pela *The Reader's Digest* com o título de “*Los mil científicos que hay detrás de Hitler*” aponta que:

Haushofer e seu Instituto de Munique, com seus milhares de cientistas, técnicos e espíões, são quase desconhecidos para o público, até mesmo no Terceiro Reich. Mas suas ideias, suas cartas geográficas, mapas, estatísticas, informação e planos têm ditado os movimentos de Hitler desde o início [...] O Instituto de Haushofer não é um mero instrumento a serviço de Hitler. É exatamente o contrário. O Dr. Haushofer e seus homens dominam o pensamento de Hitler (WEIGERT, 1943, p. 19, tradução do autor)⁵.

O Coronel Beukema, professor de geopolítica e estudos estratégicos de *West Point*, afirma que “[...] a história dará mais importância a Karl Haushofer, profeta da geopolítica alemã, que a Adolf Hitler, porque os estudos de Haushofer tornaram possíveis as vitórias de Hitler na política do poder e na guerra” (WEIGERT, 1943, p. 21-22, tradução do autor)⁶.

Contudo, algumas questões pontuais os distanciam e devem ser discutidas. Uma delas é justamente a questão das colônias, para as quais Hitler propõe em seu livro, *Mein Kampf*, uma política externa de caráter continental, desprezando o viés colonialista de Haushofer. Para o ditador de origem austríaca, a conquista da Europa era o que determinava o espaço vital alemão, e não as conquistas externas ao continente europeu.

A própria ação realizada pelos alemães na Europa durante a Segunda Guerra terminou por contrariar as teorias haushoferianas. Primeiro, pela tentativa de Hitler de ganhar carta branca dos ingleses (os principais inimigos para Haushofer) para avançar seu *front* na porção oriental da Europa, um plano sem êxito. Enquanto Haushofer, considerava os ingleses como a principal ameaça aos interesses alemães, Hitler considerava a França como a principal inimiga. Hitler afirmava que independente da natureza do governo francês, seja ele formado por Bourbons ou jacobinos, bonapartistas ou democratas burgueses, republicanos clericais ou bolcheviques vermelhos, o objetivo da França seria sempre a conquista das fronteiras do rio Reno e a posse deste rio, algo que, caso fosse concretizado, resultaria no enfraquecimento da Alemanha (HITLER, 1962).

A Alemanha rompeu o pacto de não agressão com os soviéticos, tentando sua anexação territorial, atitude que marcou a mudança do cenário da Segunda Guerra, sepultando de fato a principal ideia de Haushofer e decretando o início do fim da Alemanha no conflito. Algumas passagens do *Mein Kampf* esclarecem as divergências entre Hitler e

⁵ “Haushofer y su Instituto de Munich com su millar de científicos, técnicos y espías, son casi desconocidos para el público, incluso en el Tercer Reich. Pero sus ideas, sus cartas geográficas, mapas, estadísticas, información y planos han dictado los movimientos de Hitler desde el comienzo mismo [...] El Instituto de Haushofer no es un mero instrumento al servicio de Hitler. Es exactamente lo contrario. El Dr. Haushofer y sus hombres dominan el pensamiento de Hitler” (WEIGERT, 1943, p. 19).

⁶ “[...] la historia dará más importancia a Karl Haushofer, profeta de la geopolítica alemana, que a Adolfo Hitler, porque los estudios de Haushofer hicieron posibles las victorias de Hitler en la política de poder y en la guerra” (WEIGERT, 1943, p. 21-22).

Haushofer quanto ao pensamento no tocante à Inglaterra e Rússia (URSS), pois Hitler defendia uma aliança com os ingleses contra uma invasão soviética (HITLER, 1962), ao contrário de Haushofer.

Em síntese, Haushofer advogava um pensamento de oposição ao poder britânico, e a favor da conexão germânica-russo-nipônica, enquanto Hitler propunha uma estratégia contrária, defendendo a aceitação da hegemonia naval e colonial britânica desde que a supremacia continental alemã fosse reconhecida (MELLO, 1999).

Contudo, mesmo com esses antagonismos apresentados entre os pensamentos estratégicos de Haushofer e Hitler, e embora nunca tenham sido encontrados vestígios da ligação do geopolítico com o nazismo, suas teorias foram vinculadas às tragédias da Segunda Guerra Mundial, levando, então, a geopolítica a ser banida das comunidades acadêmicas estadunidenses e europeias. O termo *geopolítica* passou a ser visto como uma pseudociência a favor do expansionismo militar dos Estados, não tendo o reconhecimento de caráter científico.

Haushofer chegou a ser interrogado e julgado pelos Aliados no final do conflito, sob a acusação de compactuar com o regime nazista, ele que, inclusive, chegou a ter livros censurados por Hitler. Entre seus argumentos, estavam os de que sua geopolítica provinha de uma ciência e que ele era um intelectual, como demonstra Gökmen (2010) ao afirmar que, embora Haushofer tenha sido o principal expoente da *Geopolitik* alemã, seus objetivos visavam também classificar a Geopolítica como área científica: “Em outras palavras, sua ambição não era apenas em relação à geopolítica alemã, mas também à ciência da geopolítica” (GÖKMEN, 2010, p. 39, tradução do autor)⁷.

Embora a geopolítica tenha sido exaurida dos meios acadêmicos, no período da Guerra Fria ela permaneceu ativa dentro da *intelligentsia* estatal das duas superpotências. O cenário instaurado trazia a necessidade de estratégias geopolíticas que defendessem o interesse nacional dos países envolvidos na disputa pela hegemonia global, tendo como destaque os geopolíticos: George Frost Kennan, do lado estadunidense; e Sergei Gorshkov, do lado soviético.

Todavia, a geopolítica teria seu retorno aos ambientes acadêmicos nos anos 1980, com o geógrafo francês Yves Lacoste. Nos EUA, neste mesmo período, o influente estadista Henry Kissinger se tornou responsável por retomar e popularizar o uso do termo geopolítica em seus discursos e escritos, passando a circular entre os mais diversos jornais da mídia popular, sendo muitas vezes também utilizado em suas memórias (HEPPLE, 1986).

⁷ “In other words, his ambition was not only towards German geopolitics but also for the science of geopolitics” (GÖKMEN, 2010, p. 39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Alemanha alcançou um rápido crescimento econômico no início do século XX, desbancando industrialmente países como a Inglaterra e ficando atrás apenas dos EUA. O forte desenvolvimento de sua economia resultou no fortalecimento militar do país, que somado ao ideal nacionalista e imperialista, transformaram a Alemanha em uma ameaça ao equilíbrio de poder europeu, ocasionando a Primeira Guerra Mundial.

Após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e o enfraquecimento do país, Haushofer aparece como o articulador da geoestratégia da Alemanha com o intuito de recuperar a posição de potência deste país na Europa. Para que este objetivo fosse alcançado, Haushofer defendia uma aliança entre a Alemanha e a Rússia, ambas potências terrestres, e também o poder naval do Japão, em oposição à tradicional hegemonia naval, a Inglaterra.

Além de possuir influências de Ratzel na formulação de sua geoestratégia, como o conceito de *Lebensraum*, Haushofer elaborou o conceito Autarquia, que significava um espaço autossuficiente no tocante a matérias-primas para suprir a produção industrial de um país.

A geoestratégia de Haushofer propunha a divisão do mundo em diferentes áreas de influência, cada uma sob o domínio de uma grande potência, as quais foram classificadas pelo geopolítico alemão como Pan-regiões. A divisão realizada por Haushofer repartia o mundo em quatro grandes áreas de influência, sendo que a Alemanha teria o domínio da Eurásia, garantindo além da hegemonia no continente europeu, uma política colonialista no continente africano para a aquisição de matérias-primas.

Por fim, as teorias de Haushofer após a Segunda Guerra Mundial foram criticadas como defensoras do expansionismo e vinculadas a ideologia nazista, sendo ele acusado de ser o “conselheiro do príncipe”. Contudo, muitas divergências foram apontadas entre as ideias estratégicas de Haushofer e Hitler, o que nos faz pensar que essas acusações possam ser infundadas, ou apenas que Hitler não possuía um alinhamento estratégico com seu conselheiro, e de fato essa questão permanece uma incógnita, pois não há evidências sobre a ligação direta de Haushofer com a ideologia nazista.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, João Fábio. **A Primeira Guerra Mundial**: o conflito que mudou o mundo. Maringá: Eduem, 2011.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolítica**: discursos sobre território e o poder. São Paulo: Edusp, 2008.

GÖKMEN, Semra Ranâ. **Geopolitics and the study of international relations**. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of International Relations, Middle East Technical University, Ancara, 2010.

HEPPLE, Leslie. The revival of geopolitics. **Political geography quarterly**, Oxford, v. 5, n. 4, p. S21-S36, oct. 1986. Supplement.

HERWIG, Holger. Geopolitik: Haushofer, Hitler and Lebesraum. *In*: GRAY, Colin Spencer; SLOAN, Geoffrey (org.). **Geopolitics, Geography and Strategy**. Londres: Frank Cass, 1999. p. 218-241.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KEYNES, John Maynard. **As consequências econômicas da paz**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MACKINDER, Halford John. The round world and the winning of the peace. **Foreign Affairs**, New York, v. 21, n. 4, July, 1943, p. 595-605.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1999.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brasil, Argentina e Estados Unidos**: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003.

O'LOUGHLIN, John; WUSTEN, Herman Van Der. Political geography of panregions. **Geographical Review**, New York, v. 80, n. 1, p. 1-20, Jan. 1990.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Altiva Barbosa da. A geopolítica alemã na República de Weimar: o surgimento da Revista de Geopolítica. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 1-15, dez. 2003.

TOSTA, Octavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

WEIGERT, Hans Werner. **Geopolítica**: generaliz y geógrafos. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

Recebido: julho de 2022.
Aceito: dezembro de 2022.